

CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO VIRTUAL: INTERAÇÃO MEDIADA POR AMBIENTES DE CHAT E ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DE LOCALIZAÇÃO

LAFAYETTE B. MELO

(CEFET-PB)

LUCIANO MEIRA

(UFPE)

Abstract This work examines the notion of space on the Internet, especially in chat rooms. The peculiarities of virtual interactions and their language are examined in this research. Five concepts explain how virtual space is created based on an analysis unit which evolves localization textual linguistics resources, mainly deitics.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Hoje em dia, já estamos relativamente familiarizados com expressões como “navegação na Internet”, “encontros virtuais” e “estar na Internet”. Dentre as várias questões que podem ser suscitadas pelas atividades realizadas na Internet, uma das que pode ser enfatizada é a de como as pessoas se localizam e localizam os outros para interagirem e se comunicarem. De outra forma, podemos ver esta questão como uma maneira de as pessoas construírem um espaço virtual. Este espaço não é o lugar no qual um ou outro usuário está fisicamente localizado e nem é constituído em três dimensões.

O espaço virtual da Internet também não é o espaço kantiano tal como é discutido por Jézio Gutierrez em Miguel & Zamboni (1996). O autor diz que Kant teve como pano de fundo para a sua definição as discussões entre Newton e Leibniz, mas que procurou uma definição própria na qual a possibilidade de percepções exteriores, enquanto tais, pressuporia, e não criaria, o conceito de espaço. As coisas no espaço se apresentariam aos sentidos, mas o espaço por si só não poderia ser derivado dos sentidos. Em Kant (2002), pode-se perceber uma tendência para ver o espaço como algo criado *a priori*, como uma condição subjetiva para a sensibilidade da qual derivaria qualquer intuição. O espaço virtual da Internet não é físico e não está estabelecido *a priori*, mas é tanto percebido quanto esperado, dependendo do tipo de atividade e dos meios com os quais esta atividade estiver relacionada. Este espaço não pressupõe representação, mas tem formas de referência e é através destas formas de referência que ele é percebido. Nesta concepção, tem-se neste trabalho uma idéia de espaço semelhante à de Mondada (1994), a qual concebe que há uma “verbalização do espaço” ao mesmo tempo que há uma “espacialização da linguagem” e que os elementos lingüísticos de localização situam tanto o objeto quanto o enunciador. A linguagem textual está em um espaço, o qual pode ser subentendido através de uma dimensão extra-lingüística por meio de elementos que fazem referência ao próprio texto. Contudo, segundo Mondada (1994), estes elementos não se restringiriam a atuar nesta dimensão extra-lingüística, pois permitiriam observar ainda a dependência contextual não a partir da estrutura da língua, mas através da dinâmica da interação. Um espaço deste tipo surgiria da interação do usuário com outro usuário em um determinado ambiente.

O ambiente na Internet pode ser entendido como um recurso ou serviço que apresenta características específicas. Os recursos ou serviços podem ser a Web, e-mails, listas de discussão, chats *etc* (Setzer, 1996; Sobral, 1999; Tajra, 1998 e Crystal, 2001). Um chat é freqüentemente baseado em uma interface textual através da qual os usuários emitem suas mensagens e visualizam as mensagens dos outros. O chat também é normalmente utilizado para discussões síncronas, ou seja, para discussões on-line nas quais o usuário pode mandar sua mensagem e receber imediatamente uma resposta. Neste sentido, o chat é diferente de uma lista de discussão, pois nesta o usuário envia uma mensagem para a lista e pode esperar dias ou até semanas para receber sua resposta.

Este trabalho tem o objetivo de mostrar como as pessoas constroem a noção do espaço virtual em um ambiente de chat, a partir de uma abordagem sócio-cultural da psicologia e com um enfoque lingüístico-cognitivo. Nota-se, *a priori*, que as pessoas enviam mensagens no chat como “cheguei”, “estou aqui”, cumprimentam as outras com textos como “olá” e, às vezes, até anunciam que vão embora com textos como “estou saindo”. Estas formas de as pessoas se expressarem trazem, de maneira subjacente, a idéia de estarem, entrarem e saírem de algum lugar, bem como de assumirem que um outro está em algum lugar. Assim, são constituídas formas de localização ou de construção de um espaço virtual através de estratégias cognitivas próprias altamente relacionadas ao uso que se faz da linguagem textual.

Neste trabalho, é essencial assinalar que as interações são baseadas em textos de mensagens que são enviadas através do ambiente de chat e que este ambiente é o único elemento compartilhado no momento da interação. A partir da afirmação anterior, também é essencial assinalar duas outras características:

- a) os textos no chat são escritos, mas têm fortes características da fala; e
- b) o fato de o único elemento compartilhado ser o ambiente de chat faz com que o desenvolvimento da interação seja estudado através deste elemento.

Em relação à afirmativa “a”, podemos nos basear em Kato (1996) e Olson (1995) para entender que a escrita pode ser analisada como uma fala e tem origem nela. De acordo com Marcuschi (1995), podemos considerar ainda mais essas relações de proximidade entre fala e escrita. Marcuschi (1995) entende que fala e escrita não são sistemas discretos, mas obedecem a um contínuo. Um sermão, por exemplo, apesar de ser falado, tem características que não são da fala do dia-a-dia porque são lidos. Uma carta pessoal, por sua vez, apresenta muitas características da fala devido à familiaridade que têm destinatário e remetente. Na Internet, especificamente no chat, temos uma fala escrita e, muitas vezes, as pessoas colocam ou simulam nos seus textos hesitações, pausas, estados emocionais através de ícones criados com caracteres *etc*, o que nos faz ver mais fortemente que temos naquele recurso uma fala escrita.

Em relação à afirmativa “b”, podemos nos basear em Goodwin (2000) e Schiffrin (1987), que enfatizam que o contexto deve ser baseado em elementos compartilhados no desenvolvimento da interação. Em uma conversação face-a-face temos os sons, os gestos, as feições das pessoas, os elementos do ambiente físico, todos estes itens podendo ser compartilhados pelos indivíduos. No chat, qualquer comunicação é baseada unicamente nos elementos textuais da interface computacional, que são dispostos em sequência de acordo com a ordem temporal na qual cada mensagem é enviada.

Entendendo que há uma fala que é escrita e que é desenvolvida de acordo com um fluxo temporal pelos indivíduos interagentes, pode-se admitir que há uma espécie de conversação no chat, o que faz com que sejam tomados alguns direcionamentos em relação à unidade de análise desta pesquisa. No próximo item, falar-se-á da unidade de análise empregada neste estudo no intuito de se compreender como é criado um espaço virtual no chat.

2. CONSTRUÇÃO DA UNIDADE DE ANÁLISE

Para que a unidade de análise desta pesquisa fosse construída, partiu-se de duas premissas consideradas fundamentais:

- 1) O desenvolvimento do fluxo conversacional no chat faz com que precisemos verificar a dinâmica interacional através da observação da inserção de mensagens relacionadas entre si no decorrer do tempo.
- 2) Para se analisar a construção da idéia de espaço virtual, é importante que sejam identificados os elementos lingüísticos textuais aos quais os indivíduos recorrem.

Nos estudos da análise da conversação, é freqüentemente tomada a unidade de análise como o turno ou o turno a turno, como prefere Marcuschi (1991). Em Pomerantz (1997), são tomados como unidade de análise da conversação os pares adjacentes, ou seja, seqüências como pergunta-resposta. Markova (1990) fala em unidade triádica, ou seja, a cada resposta, por exemplo, relacionada a uma pergunta, é necessário que esteja associado um outro turno subsequente. Schegloff diz em Searle (1992) que não é apenas o turno que tem que ser entendido como uma unidade, mas que há componentes de construção do turno que podem atuar como tipos de unidade na sua construção. Há locais nos turnos, como as pausas, que são relevantes para uma transição e que devem ser considerados. Pode-se notar, assim, que no chat precisamos considerar elementos intercalados, fazendo referência a outros elementos na interface textual, e que o ponto de transição é estabelecido quando o usuário envia uma mensagem, ou seja, quando ele a escreveu e pressionou a tecla “enter” ou clicou um botão correspondente a “enviar” a mensagem.

No caso de um indivíduo localizar outro indivíduo através de uma mensagem enviada, pode apenas o cumprimentar (pode dizer “olá”, supondo implicitamente que alguém está no espaço virtual da interação) e receber um outro cumprimento como resposta. Contudo, os indivíduos também podem se “ver” nesse espaço quando vêem suas próprias mensagens inseridas. Vale aqui salientar as características dialógicas das mensagens no chat. Todo discurso, segundo Bakhtin (1978), se constitui de uma fronteira do que é seu e daquilo que é do outro. Este princípio é denominado dialogismo. O autor fala da produção e compreensão de todo enunciado no contexto dos enunciados que o precederam e no contexto dos enunciados que o seguirão. O dialogismo seria, então, o princípio constitutivo da linguagem, o que quer dizer que toda linguagem, em qualquer campo, está impregnada de relações dialógicas. A concepção dialógica contém a idéia de relatividade da autoria individual e uma ênfase no caráter social da produção e compreensão de qualquer texto. Em Bakhtin (1979), o autor se opõe severamente à idéia de que a comunicação verbal deveria ser analisada sob o ponto de vista das funções de um “ouvinte” e de um “receptor”. Este ponto de vista não estaria errado em muitos aspectos, mas não corresponderia a aspectos reais do todo da comunicação verbal. Um ouvinte, para Bakhtin, estaria adotando simultaneamente uma atitude responsiva ativa: concordando ou discordando (total ou parcialmente com o que ouve), completando e se aprontando para executar uma determinada ação, mesmo durante a emissão dos primeiros enunciados. O locutor também seria um respondente, pois, ao emitir um enunciado em algum momento, ele nunca estaria emitindo um enunciado como “o primeiro locutor que rompe pela primeira vez um eterno silêncio de um mundo”. Ele pressuporia a existência da língua e outros enunciados emitidos em outros momentos por ele mesmo ou por outras pessoas. Desta forma, o locutor estaria supondo qualquer enunciado como já sendo conhecido pelo ouvinte de alguma forma. O indivíduo nunca estaria isolado em si mesmo. As palavras de alguém, de acordo com a concepção dialógica, estão sempre contidas de palavras de um outro alguém, mesmo que este outro alguém seja a própria pessoa. O discurso do falante se constitui também do discurso do outro que condiciona o discurso do “eu”. De acordo com a concepção bakhtiniana, a

noção do “eu” nunca é individual, mas social. Bakhtin trata dos processos de formação do eu através de três categorias: o eu-para-mim, o eu-para-os-outros e o outro-para-mim.

No chat, pode-se observar claramente a noção de dialogismo. Quando alguém envia uma mensagem, como “cheguei”, mesmo que outra pessoa não esteja utilizando o ambiente, a pessoa que envia a mensagem a lê e vê que há uma indicação de que ela própria está no espaço virtual. A própria pessoa se comporta como um outro virtual, é ao mesmo tempo emissor-receptor ou escritor-leitor. O indivíduo se mostra, assim, social na sua natureza intrínseca, esteja ele isolado ou acompanhado de outros indivíduos e este fato é bastante acentuado em um ambiente de chat. Ao mesmo tempo, o indivíduo emite sua mensagem na expectativa de que outras mensagens sejam emitidas.

É importante ressaltar que o caráter dialógico faz sentido dentro de uma cadeia de enunciados. Wertsch (1991) enfatiza muito este aspecto. Segundo este autor, entender um enunciado envolve entender um processo no qual outros enunciados estejam em contato e em confronto. O autor também fala que Bakhtin não limitou a noção de endereçamento (de todo enunciado estar voltado para outro) apenas para os falantes de uma situação discursiva imediata. Esta noção se encontra tanto nos diálogos quanto nas discussões entre diferentes grupos, bem como em um livro. Os enunciados estariam mutuamente endereçados mesmo que estivessem social, temporal ou espacialmente distantes. Neste sentido, podemos observar como diferentes mensagens são dispostas no fluxo conversacional de um chat e como uma sessão tem seu significado a partir do contínuo endereçamento de diferentes mensagens mesmo com os indivíduos estando espacialmente distantes no sentido de estarem distantes fisicamente. Mesmo aquela primeira mensagem da sessão, que pode ser entendida como um eu-para-mim, adquire contornos de um eu-para-os-outros, considerando que há uma expectativa de que novas mensagens surjam e sejam voltadas para aquela primeira. O outro-para-mim surge nas diferentes mensagens emitidas na sessão do chat.

Enfim, pode-se afirmar que a unidade de análise desta pesquisa compreende mensagens dos indivíduos que contêm elementos lingüísticos de localização endereçados uns aos outros ou, em outras palavras, intercalados ou associados por meio de diferentes mensagens. Esses elementos de localização sempre têm um caráter de associabilidade entre as mensagens e podem se apresentar de forma implícita ou explícita.

É necessário agora que sejam explicitados que elementos lingüísticos de localização das mensagens textuais são considerados neste estudo. Os elementos aqui referidos são os dêiticos. Os dêiticos, ou dêixis (palavra que significa “indicar”, “mostrar”) de acordo com Bluhdorn (1995), são elementos indexicais que nem tanto representam, mas sim indicam (mostram) seus referentes dentro da situação comunicativa. Os exemplos mais comuns de dêiticos são “eu”, “aqui” e “agora”. Alguns elementos dêiticos permitem um uso não dêitico (“este”, “aquele”) e, além de palavras, vários meios gramaticais podem funcionar como dêiticos (tempos e modos verbais). O uso de dêiticos possibilita uma menor explicitude de outros elementos discursivos e o falante tem que pressupor que as respectivas informações já estão à disposição do interlocutor. Com o uso de dêiticos, há sempre uma relação e um ponto de referência. Apenas a relação tem que ser obrigatoriamente explicitada. Por exemplo, na frase “Amanhã João estará de volta” a relação pode ser entendida como distância, rumo para frente, e o ponto de referência é um ponto já disponível, se tem amanhã é porque tem o hoje, o agora.

As interpretações dos elementos dêiticos interagem com a estrutura informacional do texto. Nos recursos textuais da Internet, pode-se ver, constantemente, mensagens que se referem a outras mensagens de uma forma implícita ou explícita. Assim, pode-se referir a pessoas, ao tempo ou ao espaço, se referindo sempre ao discurso. Os dêiticos discursivos, pelo menos como observados nas interfaces textuais, parecem englobar os dêiticos temporais, espaciais e pronominais. Fillmore (1997)

refere-se aos dêiticos discursivos como estando relacionados “à escolha de elementos lexicais ou gramaticais que indicam ou também se referem uma porção ou um aspecto do discurso em andamento”.

Há uma estreita relação do tempo decorrido com o espaço do discurso. Marcuschi (1996) diz que, levando em consideração o que é discutido sobre dêiticos discursivos, pode-se dizer “o parágrafo seguinte” do mesmo modo que se diz “o dia seguinte”. Os dêiticos discursivos têm mais a função de direcionar focos de atenção do que preservar a continuidade do texto. Sobre as relações entre espaço-tempo e os dêiticos discursivos dentro do texto, Marcuschi (1996) diz o seguinte: “*o texto é concebido como uma realidade linearizada e o ponto de referência é sempre aquele onde o autor/falante “está”. Certamente, isto mostra que o texto é um espaço em que as coisas estão distribuídas e situadas (essas coisas são as proposições, os conteúdos etc) de maneira que o texto é uma espécie de recipiente ao mesmo tempo real e virtual. Por outro lado, o texto é também um tempo, seja ele o tempo da ação do produtor (“depois eu falarei sobre isso”) ou do leitor (“como você viu no início de sua leitura”) ou do conteúdo (“aqui não cabe outra posição”). A dêixis discursiva obriga que tenhamos uma noção clara de texto e discurso*”. Essas considerações também motivam a entender o texto escrito no chat como uma fala. Ou, pelo menos, ver a fala e a escrita como relações em um continuum tipológico, como propõe Marcuschi (1995).

Deve-se agora explicitar a forma como os dêiticos serão investigados nesta pesquisa, o que será feito adiante.

2.1 O papel dos dêiticos na construção do espaço virtual

De acordo com Fillmore (1997), os dêiticos podem ser definidos também como os nomes dados para aquelas propriedades formais dos enunciados, as quais são determinadas e interpretadas por certos aspectos do ato de comunicação no qual os enunciados em questão tomam parte. Esses aspectos incluem:

- a identidade de interlocutores em uma situação de comunicação, coberta pelo termo *dêixis de pessoa*, que inclui os dêiticos pronominais e sociais;
- o lugar ou os locais nos quais os indivíduos estão localizados, para os quais nós temos uma *dêixis de lugar*;
- o tempo no qual o ato de comunicação é realizado, para o qual há uma *dêixis de tempo*; e
- a matriz do material lingüístico, relacionada às partes precedentes e seguintes do discurso, as *dêixis de discurso*.

A priori, as *dêixis* que interessariam a esta pesquisa seriam as *dêixis* de lugar ou, denominadas de outra forma, os dêiticos espaciais. Contudo, como vimos anteriormente, de acordo com as considerações de Marcuschi (1996), os dêiticos discursivos parecem englobar os dêiticos temporais, espaciais e pronominais (dêiticos de pessoa). É notável como este fato ocorre em interfaces textuais de ambientes de chat. Na interface há um texto construído conjuntamente pelos participantes. As referências dêiticas são baseadas na interface textual e este é o único elemento que os indivíduos compartilham no desenvolvimento da conversação – como também vimos anteriormente. Assim, as referências de pessoa, espaciais e temporais só podem ser baseadas no texto discursivo. Semelhantemente ao que aponta Marcuschi (1996) em relação aos dêiticos temporais, espaciais e discursivos, podemos, no texto do chat, nos referir a um ponto de marcação como sendo uma pessoa (“pedro chegou! olhe a linha acima!), um lugar (“estou aqui!”) ou um tempo (“ele disse isso algumas linhas atrás”). Enfim, todas as *dêixis* podem ser entendidas como discursivas e mesmo as de pessoa e tempo podem localizar ou indicar alguém no espaço virtual. Dizer que alguém chegou e apontar uma linha é mostrar uma indicação (apontar uma *dêixis*, para dizer que alguém está “lá”, naquele

espaço). Dizer que alguém disse alguma coisa e que isso aconteceu algumas linhas atrás é mostrar uma indicação (apontar uma *dêixis*) para dizer que alguém esteve ou está “lá”, naquele espaço.

Em Jarvela (1982), Fillmore discute as funções das expressões de localização relacionadas às dêixis. Estas funções são as seguintes:

- a) de informação – o falante ou emissor deixa o ouvinte ou receptor saber que uma figura ou objeto particular está em um local particular (“A sombrinha está no chão da cozinha.”).
- b) de identificação – o falante ou emissor deixa o ouvinte ou receptor saber qual dos objetos possíveis está sendo mencionado e faz isso atribuindo uma habilidade, do ouvinte ou receptor, de associar um objeto com um lugar (“Tragam-me a cadeira que está na cozinha.”).
- c) de conhecimento ou pressuposição – pressupõe-se o lugar com o qual o objeto é associado. Neste caso, o falante ou emissor assume que o ouvinte conhece, independentemente de qualquer informação provida pela expressão, ambos o objeto que o falante tem em mente e o lugar no qual o objeto está localizado (“Tire aquele animal da cozinha.”, “Quem pode olhar para este rosto e não sorrir?”).

Em termos de ambientes de chat, tem-se que fazer duas considerações adicionais ao uso de dêiticos. A primeira diz respeito novamente ao aspecto dialógico (Bakhtin, 1978; Bakhtin, 1979 e Wertsch, 1991). O falante ou emissor também é o ouvinte ou receptor de um outro virtual que é ele mesmo. Isso precisa ser considerado porque é devido a emissões subseqüentes, mas também à própria emissão, que o indivíduo desenvolverá determinados aspectos no fluxo conversacional. Ele informa a si mesmo, identifica a si mesmo e comunica a si mesmo as suas pressuposições e, no caso do chat, ele faz isso unicamente através de uma interface textual.

A segunda consideração está estritamente relacionada aos objetivos desta pesquisa. As funções das expressões de localização – de construção do espaço virtual –, precisam estar associadas com a localização elementos específicos e, nesta pesquisa, os elementos são as pessoas que estão em um espaço virtual. Por exemplo, para as funções de informação, podemos ver no chat expressões como “pedro está nesta sala”, para as funções de pressuposição, podemos ver expressões como “estou aqui”. No caso das expressões de identificação, que associam objetos a lugares, podemos ver expressões como “veja quem chegou nas linhas acima”. Neste último caso, está se identificando um lugar no espaço virtual por associá-lo com uma localização na interface.

Em vista da discussão empreendida até o momento, podemos explicitar melhor a nossa unidade de análise como mensagens emitidas pelos indivíduos associadas umas às outras – supostamente na primeira emissão e expressamente no decorrer do fluxo conversacional –, através de elementos dêiticos de localização explícitos ou implícitos com funções de informação, identificação ou pressuposição de um espaço virtual.

Esta unidade não é estudada ao acaso, pois para que se informe, identifique ou pressuponha um determinado espaço, os indivíduos precisam ter algumas expectativas comuns e isso dependerá muito do contexto. Será feita uma discussão a seguir sobre essas expectativas comuns.

3. ESPECIFICAÇÃO DO CONTEXTO

Há de se especificar o contexto da pesquisa, no sentido de se saber melhor que expectativas e pressuposições os indivíduos têm para se localizarem no espaço virtual. Até que ponto esta especificação deve ser feita, é o problema posto agora. Em um ambiente de chat não seria provavelmente viável saber da vida de todos os indivíduos em seus aspectos pessoais como idade, sexo, cor ou lugar onde nasceram. Inclusive, na atividade conversacional realizada no chat, os aspectos

comuns aos quais os indivíduos recorrem não são geralmente os aspectos pessoais, mas estão inseridos no próprio fluxo da conversação e no tipo de atividade na qual os indivíduos estão engajados. Por exemplo, em um chat de atividades educacionais para a realização de um curso, os indivíduos podem partir das pressuposições de que há no ambiente professor e alunos e de que serão realizadas tarefas didático-pedagógicas como a discussão sobre algum texto. Essas pressuposições fazem com que os indivíduos se posicionem ou se localizem de uma determinada maneira. Por exemplo, podem ser marcados horários específicos para se discutir algum texto em relação ao qual ficaram dúvidas.

Em chats nos quais atividades não são determinadas *a priori*, pode-se observar que muitas vezes aparecem indivíduos que não interagem, mas simplesmente inserem mensagens não relacionadas ao tópico conversacional e imediatamente saem do ambiente.

Nesta pesquisa, optou-se por definir um ambiente no qual os indivíduos estão realizando atividades comuns. Também foi verificado que alguns autores reforçam a idéia de se partir das pressuposições e expectativas que os usuários têm em comum (Schiffrin, 1987 e Goodwin, 2000).

Leontiev (1971) já explicitou que os indivíduos deveriam ser observados a partir de pressuposições e expectativas comuns que teriam em relação às atividades que estão realizando. O autor, inclusive, descreve a seguinte metáfora para falar sobre aspectos comuns dentro da atividade humana. Suponha que, em uma caçada coletiva primitiva, haja dois grupos de indivíduos. Um, afugenta a caça em direção ao outro grupo que, por sua vez, é responsável pela captura da caça. Toda atividade animal possui relações diretamente biológicas, instintivas; é sempre orientada para objetos que podem satisfazer uma necessidade biológica e ser engendrada por esses objetos. O objeto da atividade se confunde com o seu motivo biológico. No caso da caçada, o grupo que afugenta a caça é estimulado pela necessidade de se alimentar, mas sua atividade está orientada para assustar a caça na direção do outro grupo e pára nesse momento. O outro grupo realiza o complemento da atividade coletiva. Aquilo para que estão orientados os processos da atividade humana não coincide necessariamente com os seus motivos. Ações são os processos nos quais os objetos e os motivos não coincidem. A caçada é a atividade do caçador e o fato de afugentar a caça é a sua ação. O sujeito tem consciência de que existe uma ligação entre o objeto de uma ação (seu fim) e o gerador da atividade (o motivo). Para atingir seu fim, como sujeito coletivo, o indivíduo precisa executar suas ações. Para que obtenham sucesso na realização de sua atividades, os indivíduos precisam ter pressuposições e expectativas comuns em relação ao motivo desta atividade.

Em se tratando de Internet, podemos utilizar as noções da teoria de Leontiev e aplicá-las aos ambientes de chat, onde as atividades cognitivas adquirem contornos coletivos e colaborativos, na medida em que o indivíduo só executa suas ações em face da consciência de que “do outro lado” alguém se incumbirá de cumprir a outra parte da atividade.

Assim, a idade de um indivíduo ou outro aspecto pessoal não seriam algo conhecido em comum pelos participantes do chat, mas a idéia de que as pessoas deveriam se encontrar “lá” para realizar uma determinada tarefa de um curso seria uma pressuposição comum a respeito de algum tipo de atividade a ser realizada em conjunto.

Fillmore (1997) reforça a idéia que existe *uma ancoragem dêitica* na interação, ou seja, um entendimento do papel para os quais as sentenças podem servir em situações sociais, ocorrendo no espaço e no tempo. O autor diz que, para se entender a importância da ancoragem dêitica, deve-se considerar uma variedade de casos nos quais as mensagens podem ser corretamente interpretadas apenas se elas estiverem apropriadamente ancoradas em uma situação de comunicação e onde existam erros e incertezas sobre a natureza desta ancoragem. Uma situação que o autor considera totalmente incerta em relação à ancoragem dêitica é aquela na qual alguém encontra a seguinte mensagem no meio do mar: “Encontre-me aqui amanhã ao meio-dia com um pedaço de madeira deste tamanho”.

Há vários ambientes de chat nos quais são determinadas atividades específicas. Optou-se por estudar ambientes de chat do Projeto Virtus da UFPE. Neste caso, foram estudados chats de dois cursos de capacitação de professores: “Introdução à Informática na Educação” e “Internet e Educação”.

Os cursos do Projeto Virtus possuem hipertextos das aulas, seções de avaliação nas quais o professor comenta as tarefas realizadas pelos alunos, seções de envio e recebimento de material para compartilhamento de arquivos, um fórum de debates para discussões assíncronas e uma seção com um ambiente de chat. Na tela do chat, aparece um quadro no qual os participantes colocam seus nomes e há um botão com o nome “Entrar”. Quando o indivíduo coloca o nome no quadro e clica no botão “Entrar”, aparece uma mensagem abaixo, na interface, dizendo, por exemplo “*pedro ACABA DE ENTRAR NA SALA (21:52:4 em 20-abr-2002)*”.

Quando o usuário clica no botão “Entrar” o quadro se modifica, acima dele aparece o nome “Mensagem” e no botão aparece o nome “Enviar”. É a partir deste momento que o indivíduo começa a emitir suas mensagens e interagir com os outros.

4. METODOLOGIA

Foram analisadas 30 sessões de chat nas quais o professor iria tirar dúvidas dos alunos. As sessões de chat eram de três turmas dos cursos de “Introdução à Informática na Educação” e “Internet e Educação”. As sessões duravam cerca de 1 hora e eram gravadas no servidor do Virtus. Foi adotado o seguinte procedimento para captura da unidade de análise.

1. *definição do contexto* – aqui se trata de descrever não só o curso que está sendo desenvolvido, mas também as atividades realizadas com base no que ocorre nas práticas culturais dos participantes e nas peculiaridades tecnológicas do sistema. Dessa forma, deve ser estabelecido o que motiva a discussão, se alguma tarefa foi determinada antes e se algo mais foi combinado entre os participantes fora do contexto do chat, bem como problemas e características do sistema que afetem de alguma forma a situação espacial dos indivíduos. Para que essa descrição fosse melhor especificada, o pesquisador deste trabalho atuou como participante-observador, de acordo com as recomendações de Adler (1998). Nesta situação, o pesquisador se comporta e é analisado como um sujeito da pesquisa, não sendo visto como um mero intervencionista e tendo um papel ativo na interação. Assim, o pesquisador se insere nas práticas dos sujeitos de modo a construir com eles expectativas e pressuposições comuns e, conseqüentemente, compreender melhor o processo interativo. No caso, o participante atuou como professor dos cursos.

2. *interpretação do desenvolvimento da conversação* – a peculiaridade dos ambientes de chat, em relação a outros recursos da Web, está no fato de que a comunicação é feita de forma síncrona, em contraste com as listas de discussão. Desse modo, a conversação é estabelecida on-line, o que motiva o tratamento dos chats como uma conversação, ou seja, no intuito de se verificar o fluxo da estrutura conversacional.

3. *identificação de elementos espaciais no enunciado* – para que se verifique como as pessoas fazem referência ao espaço no qual estão inseridas, são identificados elementos textuais lingüísticos (dêiticos) que mostram a composição do espaço virtual a partir da localização das pessoas. Os dêiticos podem estar implícita ou explicitamente expressos, com funções de informação, identificação ou pressuposição nas mensagens intercaladas no fluxo conversacional. Os dêiticos são verificados concomitantemente ao desenvolvimento da conversação.

A partir da análise, pôde-se observar 5 formas de comunicação através das quais os sujeitos compartilhavam ou supunham compartilhar algum conhecimento com os demais: conexão,

emergência, manutenção, imergência e desconexão. Estes conceitos dizem respeito tanto ao fluxo interacional quanto às estratégias utilizadas para os indivíduos localizarem os outros e a si mesmos e serão discutidos adiante.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Conexão

A idéia de conexão foi entendida como sendo a primeira mensagem emitida na sessão. Em geral, é emitido um aviso de chegada ou um cumprimento. A conexão corresponde, portanto, às primeiras emissões realizadas nas aberturas das conversações. Deve-se salientar que, considerando o momento no qual a conexão ocorre, não há qualquer outra mensagem na interface com a qual o indivíduo possa associar a sua mensagem.

O trecho mostrado adiante corresponde a uma reunião marcada por e-mail para acontecer às 19:30 de 8 de janeiro de 2002 dentro do curso de “Internet e Educação”. O professor avisou anteriormente que a discussão duraria uma hora para que fossem tiradas dúvidas sobre o hipertexto da primeira aula e para que fossem discutidos outros assuntos a serem determinados no dia. A partir de 19:21, apareceram as seguintes emissões.

P2 - ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:21:7 em 8-jan-2002)

P2 - Boa noite a todos. Estou aqui para o primeiro contato síncrono como o Professor e demais alunos do curso

A primeira linha é emitida pelo sistema quando o indivíduo fornece seu nome. Na segunda linha, P2 conecta-se ao espaço virtual com um cumprimento e informa o motivo de estar lá (“aqui”). No momento em que P2 entra no ambiente, pode-se observar que ele é o primeiro a chegar por volta do horário marcado. Não havia marcação textual de outras pessoas naquele instante, ou seja, não havia outra mensagem a ser associada ou intercalada. P2 emite a mensagem na expectativa de encontrar alguém. Não há um par adjacente e nem P2 está construindo uma seqüência a outra mensagem, mas há um caráter dialógico no seu ato. Pode-se notar um dêitico implícito no cumprimento de P2. Ele diz “Boa noite a todos” e em seguida completa sua mensagem com a sentença “Estou aqui para...”. Nesta última sentença, o termo “aqui” mantém alguma implicitude sobre o lugar de encontro, o que significa que o lugar é pressuposto. Há uma expectativa de encontro com outras pessoas e uma referência dêitica ao espaço virtual no qual se está conectado. Apesar de já haver uma conexão ao espaço virtual, ele só emerge quando alguém responde, isto é, quando outra pessoa efetivamente compartilha a suposição do espaço virtual através de outra mensagem.

As funções dêiticas de localização para o cumprimento podem ser entendidas como de conhecimento ou pressuposição. Ao avisar que está “aqui”, P2 dá uma função de conhecimento ou pressuposição ao lugar e, de alguma forma, identifica onde ele próprio está. Fillmore (1997) ressalta que indicações de lugar tomam parte no sistema dêitico de uma linguagem em virtude de as expressões de localização servirem como ponto de referência espacial e que o próprio corpo pode servir como referência. No caso do chat, não há corpo, existe o papel da interface e, deste modo, poderíamos entender que há também uma função de informação do lugar, quando P2 diz “estou aqui...”, se considerássemos a marcação textual como um lugar do espaço virtual ou a representação dele. Contudo, as marcações textuais não são lugares nem representações, são meramente indicações (dêiticos propriamente ditos). De outra maneira, podemos entender esta indicação até como um ato

de fala (Searle, 2000). Haveria na afirmação de P2 sobre si mesmo o ato de expressar que está em algum lugar, o ato de garantir que sua afirmação é verdadeira e o ato de indexar (mostrar) que está em algum lugar que é virtual. O ambiente de chat não pode ser uma representação do espaço virtual, mas é uma indexação porque, se assim não fosse, mais de uma marcação textual representaria a mesma pessoa e a teríamos mais de uma vez em um mesmo espaço.

Vale ainda enfatizar o contexto no qual P2 está inserido. Ele ressalta na sua mensagem que haverá um primeiro encontro com os demais alunos e com o professor. Os alunos e o professor sabem de antemão a quantidade de alunos no curso. Há uma expectativa de encontro e com uma certa quantidade de pessoas. Este seria um fato a se enfatizar em um curso ou em um encontro programado no qual houvesse conhecimentos pré-determinados. Nas várias outras sessões analisadas, ocorreram fatos semelhantes.

De uma maneira geral, podemos entender que, para saber que está em uma sala, o indivíduo precisa se ver nela de algum modo. No caso do chat, o indivíduo precisa se ver marcado no ambiente. Este é o ponto de partida, a conexão necessária para que a experimentação do espaço seja realmente efetivada e este fato é tão essencial que o indivíduo precisa se conectar através de uma mensagem textual, mesmo que não veja qualquer indício de que alguém já está no espaço virtual.

5.2 Emergência

O conceito de emergência do espaço virtual está associado a um reconhecimento, resposta, observação etc, de uma mensagem de conexão. A emergência surge na interação primeira do desenvolvimento do fluxo conversacional e também é o momento de preparação para que o espaço virtual seja mantido. Os dêiticos utilizados são semelhantes aos da conexão, mas com algumas funções adicionais pelo fato de a emergência iniciar como segunda parte do par adjacente da conexão. A emergência inicia como uma parte de um par adjacente, mas não faz parte apenas deste par. O período de emergência do espaço virtual pode perdurar até o momento em que o espaço seja efetivamente mantido. A emergência inicia como segunda parte do par adjacente da conexão e vai até o final da abertura da conversação. O indivíduo vê que alguma pessoa se conectou ao espaço e tenta, junto com esta pessoa, fazer emergir um espaço que seja socialmente compartilhável.

No caso do exemplo tratado anteriormente, há algumas linhas que se seguem na mesma sessão de chat e que correspondem ao início da emergência. Essas linhas correspondem a cumprimentos e considerações sobre a chegada de outros alunos, por parte de L, o professor do curso. Vejamos as linhas que aparecem na seqüência à conexão mostrada no exemplo anterior

P2 - ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:21:7 em 8-jan-2002)
P2 - Boa noite a todos. Estou aqui para o primeiro contato síncrono como o Professor e demais alunos do curso
L - ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:30:21 em 8-jan-2002)
L – Ola P2 e P1, Vamos esperar dois minutos pela chegada de P3

Vê-se que L cumprimenta P2 e P1 e pede que se espere um pouco pela chegada de outro aluno. Neste momento, L está se referindo a P2 e P1 e, como está se referindo a outras mensagens, também está construindo uma seqüência. Podemos dizer, assim, que ele inicia um período de emergência.

No cumprimento “olá P2 e P1,...”, podemos considerar implicitamente um lugar no qual L, P2 e P1 estão no ponto de vista de L. Podemos entender que L está considerando o seu cumprimento

para pessoas que estão em um mesmo espaço de encontro. A função dêitica implícita de localização é de conhecimento ou pressuposição. O que é interessante neste exemplo, é que L inicia a emergência do espaço virtual, tanto se referindo a P2 quanto a P1. Vimos, porém, que o encontro tinha sido marcado para às 19:30 e concluímos que P2 foi quem efetuou a conexão e que foi o único a aparecer naquele momento. O fato de o engano de L ter acontecido é que algumas pessoas tinham efetivado conexões bem antes da data e do horário marcados, com o intuito de experimentar ou de testar o sistema e não de dar início ao encontro anteriormente marcado. O sistema registrou e manteve estas experimentações e testes na interface. Pode-se ver que algumas pessoas até colocaram seus nomes no ambiente, mas nem sequer emitiram mensagens, ou seja, nem sequer se conectaram ao espaço virtual. Havia a seguinte seqüência de emissões, antes da entrada de P2.

<p>VIRTUS ACABA DE ENTRAR NA SALA - (13:23:18 em 3-jan-2002) VIRTUS - Bem vindos à sala de bate-papo da aula de Introdução à Informática na Educação! L - ACABA DE ENTRAR NA SALA - (16:49:10 em 4-jan-2002) L -Bem-vindos! Observem as datas e o horário de cada mensagem antes de começarem a conversação!</p>
<p>seu nome ACABA DE ENTRAR NA SALA - (12:33:43 em 8-jan-2002) P1 ACABA DE ENTRAR NA SALA - (12:34:31 em 8-jan-2002)</p>

Pode-se observar, portanto, que L assumiu que P1 estava no encontro, mas que a marcação de P1 ocorreu às 12:34. Há problemas contextuais que se referem ao próprio sistema e que afetam a atividade de emergência: marcações anteriores são registradas e continuam na mesma janela, independentemente da hora ou do dia.

Como se pode ver, L se referiu a P1, não por observar a hora, mas por observar a data, que era a mesma do dia do encontro. Isso pôde ser constatado pelos próprios P2 e L em mensagens emitidas algum tempo depois:

P2 – Prof. L. Acredito que a P1 também ainda não chegou

L – Ah, não! Estou enganado. Revi a mensagem de P1 e ela é referente ao meio-dia de hoje!

Desta forma, foi corrigida a falsa atribuição de P1 estar naquele momento.

Do mesmo modo que aconteceu com P2 na conexão, vemos uma referência de L para ele mesmo, no espaço virtual, simplesmente pelo fato de sua mensagem textual poder ser vista por ele próprio. Há ainda um complemento dele na marcação quando diz “Vamos esperar dois minutos pela chegada de P3”. Neste texto, L apresenta um dêitico de pessoa implícito (nós) e o localiza no espaço virtual, de modo que se espere um pouco até o momento no qual P3 também entre neste espaço.

O período de emergência é aquele no qual as pessoas estão em conjunto, tentando estabilizar um espaço de encontro. Nestas ocasiões, podem ainda ser feitas algumas continuidades relacionadas a cumprimentos, referências à espera, comentários sobre se alguém chegou ou não etc. Na emergência, as pessoas ainda não começam a conversar sobre assuntos centrais aos quais vão direcionar a maior parte de sua interação. Outros exemplos de emissões de emergência em outras sessões dos cursos são os seguintes: “oi, vamos iniciar o papo”, “ninguém fala nada?”, “quem começa o assunto?”, “vem alguém mais para a aula?”, “quantas pessoas ainda vão chegar?” e “a sala está cheia!”

Vale a pena caracterizar um pouco mais o período de emergência no sentido de entender a forma como o espaço é preenchido e como é esperado ser preenchido. Quando as pessoas vão

chegando a um espaço tridimensional, o ocupam e o preenchem. Nas dimensões físicas, há partes do espaço e as pessoas se posicionam nele, ficando próximas ou distantes umas das outras. Mas será que uma pessoa pode ficar perto de outra no espaço virtual que é objeto desta pesquisa? E as noções de frente, trás, alto, baixo, largo e fundo podem ser apreendidas em uma sala virtual? Segundo Fillmore (1997), noções como essas são usadas para dimensões que se salientam, mas há uma situação diferente para o uso de termos como “denso” ou “cheio”. Assim, um carro pode ser comprido, largo e alto. Uma porta pode ser alta, larga e densa. Uma sala pode ser funda, alta, larga e estar cheia. Pode-se considerar que uma sala de chat pode estar “cheia”, mas não há dimensões salientáveis para que seja caracterizada como um objeto ou um ambiente físico. No máximo, o que pode se dizer é algo do tipo “joão está aqui! dê uma olhada acima”. Nesse caso, o acima se refere a uma marcação textual na interface que, como já vimos, não representa o espaço virtual, mas indica (indexa) a presença de alguém.

Em suma, a emergência designa os momentos de estabilização do espaço virtual e todas as expectativas relacionadas ao seu preenchimento.

5.3 Manutenção

O conceito de manutenção está relacionado a inserções que fazem com que o espaço virtual seja mantido. Após a emergência, o espaço virtual adquire uma estabilidade relativa e as inserções são feitas não mais para simplesmente as pessoas se localizarem, mas para que outros assuntos em pauta sejam desenvolvidos e para que o espaço permaneça. No contexto dos cursos a distância do Virtus, a manutenção é de grande importância, pois os assuntos são necessariamente discutidos em volta de algum ponto central determinado pelo professor ou atendendo a alguma necessidade didática do curso.

Ainda no exemplo que está sendo tratado, seguem-se três linhas após a emergência, que representam a manutenção, as quais são mostradas adiante.

P2 – ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:21:7 em 8-jan-2002)

P2 – Boa noite a todos. Estou aqui para o primeiro contato síncrono como o Professor e demais alunos do curso

L - ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:30:21 em 8-jan-2002)

L – Ola P2 e P1, Vamos esperar dois minutos pela chegada de P3

P2 – Sou Professor do Departamento de XXXX e estou interessado em aplicar tecnologia Educacional

L – Por enquanto, adianto para vocês a pauta do que podemos conversar nesta sessão, que sugiro que seja a seguinte...

L – 1 –dúvidas sobre o hipertexto da aula 01, 2-discussão sobre nossa experiência em tecnologia educacional e 3-perspectivas em relação ao curso

Observa-se que P2 se apresenta e mostra seu interesse em aplicar tecnologia educacional. L refere-se à pauta da sessão e a descreve. É importante ressaltar um fator crucial na manutenção: a sua relativa estabilidade. Quando se diz que há uma “relativa estabilidade” quer se dizer duas coisas. Uma, é que o espaço é mantido, mas depende da relação com mensagens anteriormente construídas e que prepara condições para que outras mensagens sejam inseridas. No exemplo em tela, quando L descreve o assunto a ser discutido, prepara caminho para um determinado direcionamento na conversação no sentido de que o espaço continue sendo mantido. Em outras palavras, a manutenção precisa ser entendida como estando em contínuo desenvolvimento em um compartilhamento mútuo entre os indivíduos, o qual esta relacionada ao tipo de atividade que estão realizando ou a alguma

expectativa. Outra coisa relacionada à relativa estabilidade da manutenção é que assuntos específicos são conversados, mas características de outros conceitos, como a emergência espacial, podem ser retomadas. Alguém pode lembrar da possibilidade de outra pessoa chegar, alguém pode chegar atrasado e reiniciar os cumprimentos, alguém pode ser desconectado do sistema devido a algum problema técnico e anunciar a sua volta ao entrar de novo no espaço etc. Este fato mostra que alguns dos conceitos aqui expostos não devem ser entendidos como estágios fixos. Sempre pode haver uma retomada, no caso, entre manutenção e emergência.

Outra questão de grande importância é o tipo de referência espacial de uma mensagem de manutenção. Quando P2, no exemplo em pauta, diz “Sou professor do...”, podemos entender que P2 diz que é professor do departamento XXXX e que continua naquele espaço pelo simples fato de ter emitido uma mensagem. Quando o indivíduo emite mensagens na sequência, após a conexão e as suas primeiras mensagens, também está dizendo que se mantém naquele espaço virtual. Assim, podemos subentender que há uma função dêitica de localização implícita de conhecimento ou pressuposição.

Remete-se, a partir da observação anterior, outra questão: a referência dentro do espaço. Como já vimos, esta referência não é baseada em um corpo, mas em uma marcação textual e tem uma função dialógica. O indivíduo diz para si e para os outros que continua “ali” no sentido de manter um espaço interacional e é por isso que dizemos que ele continua a indexar o espaço. Supõe-se que o contexto dos cursos do Virtus ajuda a delimitar a noção de manutenção compartilhada entre os participantes. Vimos em outras sessões de chat, como nas do servidor UOL, que há como observar a manutenção, porém verificando-se que há nela uma forma mais entremeada de emergências e imergências do espaço virtual.

A idéia de manutenção do espaço virtual, portanto, é vista como aquela na qual as pessoas, eminentemente, mantêm a interação e, conseqüentemente, o espaço virtual, sem uma preocupação explícita de se localizarem.

5.4 Imergência e desconexão

A imergência corresponde a um fechamento na conversação. É a partir desta idéia que as pessoas se preparam para encerrar a sessão de chat e se desconectar do espaço virtual. São, normalmente, emitidos avisos de despedida ou cumprimentos.

No exemplo a seguir, podem ser vistas algumas emissões de imergência e uma emissão final de desconexão de uma das sessões de chat desenvolvidas em um curso de “Introdução à Informática na Educação”. No momento, L, que é professor do curso, está finalizando uma discussão com P1, um aluno.

P1 - ACABA DE ENTRAR NA SALA - (20:57:19 em 8-mai-2002)

L - Ok. P1, infelizmente parece que nosso tempo está esgotando. De qualquer forma, qualquer dúvida específica que tenha, pode me manda um e-mail. Há mais algo que vc deseje comentar agora? Só mais uma coisa: as datas para entrega dos trabalhos estão boas para vc?

P1 - Probleminhas de conexão aqui também... Estou nesse curso exatamente buscando base para outros projetos melhores.

P1 - Certo, foi proveitoso para mim. Vou enviar a tarefa agendada para hoje daqui a pouco. Muito obrigada. Se precisar eu peço socorro pelo fórum. Até breve.

L - Então Boa noite!

P1 - Boa noite!

Nota-se que há um aviso do sistema, dizendo que P1 chegou. P1 havia saído do chat devido a algum problema de conexão e retomou a discussão, inserindo seu nome. Inclusive, P1 avisa na terceira linha que teve problemas de conexão “também”. Durante esta sessão de chat, outros alunos tiveram problemas semelhantes e não deram continuidade à discussão. Na segunda linha, L avisa que “o tempo está esgotando”, faz considerações sobre outras eventuais dúvidas e pergunta sobre as datas de entrega dos trabalhos. Estas considerações de L sugerem o início de um período de imergência. P1 emite uma mensagem, avisando sobre os problemas de desconexão e, na mesma emissão, fala sobre projetos que deseja fazer, associando o que diz com um assunto sobre projetos, discutido na manutenção. P1 arremata sua mensagem com uma emissão seguinte, intercalando o que diz com o que L falou na segunda linha, ou seja, P1 diz que “foi” proveitoso – finalizando em conjunto com L a sessão do chat, se refere também às datas dos trabalhos (“tarefa agendada”) e afirma que, se precisar, pede ajuda no fórum. P1 ainda inicia os cumprimentos finais com um “Até breve”. Finalmente, o fechamento culmina com as despedidas de ambos, L e P1, através de cumprimentos de “boa noite”.

Em relação ao uso dos dêiticos nas mensagens intercaladas, podemos fazer duas considerações sobre o exemplo exposto.

A primeira consideração diz respeito aos cumprimentos finais e as suas eventuais relações dêiticas implícitas. Foi considerado que na emergência do espaço virtual há uma localização implícita. Do mesmo modo, pode-se fazer esta consideração em relação à imergência, mas com uma função diferente, pois não há apenas uma localização das pessoas. Há, principalmente, uma referência implícita de que as pessoas não estarão mais naquele “local”. Em outras sessões de chat, foram observados muito comumente não só os cumprimentos e despedidas, mas avisos explícitos de que as pessoas estariam indo embora. Por exemplo, antes dos cumprimentos finais, eram recorrentes mensagens como “estou indo embora”, “estou de saída” ou “vou embora”. Há, portanto, em muitas situações, uma preparação para os cumprimentos finais. No exemplo atual, a emissão “Até breve” de P1 pode ser entendida como tendo esta função de preparação. Vale a pena salientar como se dá o uso de verbos de saída e de chegada, respectivamente na imergência e na emergência. É típico o uso de verbos como “vir” ou “ir”. Esses verbos, usados sem referência a um local, têm funções de localização de conhecimento ou pressuposição (chegar a algum lugar e ir a algum lugar). Quando se usa o verbo “ir” se supõe que alguém está e que, logo depois, não mais estará em algum lugar. Se alguém diz “vou embora” quer dizer que vai embora do “espaço virtual”, no caso dos ambientes de chat. Fillmore (1997) faz observações importantes sobre as referências dêiticas em verbos como os que aqui foram mencionados. Segundo o autor, o verbo “vir” supõe o entendimento de um lugar onde tanto o falante quanto o destinatário são localizados no tempo de codificação e no tempo de referência. O verbo “ir” seria determinado pelas lembranças do narrador do movimento como sendo para a localização em um tempo de referência de característica central no episódio, para o qual a sentença tem referência. O verbo “vir” pressupõe um local de chegada comum, mas o verbo “ir”, não necessariamente. O espaço virtual, como qualquer outro tipo de espaço, pode ter uma noção de movimento associada a ele e as pessoas constroem esta noção quando intercalam suas mensagens textuais. A noção de movimento é adquirida, no caso do chat, na própria linguagem e só assim ela pode ser adquirida.

A segunda consideração em relação ao uso de dêiticos nas mensagens intercaladas é relativa ao cumprimento final. Este cumprimento pode ser entendido como sendo a desconexão. Ele delimita a sessão de chat em conjunto com a emissão de conexão. É a última mensagem da última pessoa que saiu do espaço virtual assim como a conexão é a primeira mensagem da primeira pessoa a entrar no espaço. Apesar das analogias, há uma função dialógica e uma função dêitica implícita na desconexão que se diferenciam muito das respectivas funções na mensagem de conexão. A conexão tem todo um caráter dialógico que a embasa, mas que não é tão preponderante na desconexão. Na desconexão, pode-se considerar o caráter dialógico e também as funções de intercalação ou associação com

outras mensagens já emitidas. Na conexão, há apenas a expectativa do surgimento de outras mensagens. É provável que isto aconteça pelo fato de termos funções implícitas de chegada e saída, as quais têm natureza diferenciada em relação ao tipo de compartilhamento. Da mesma forma que falamos em relação ao uso dos verbos “ir” e “vir”, podemos entender que a conexão e a desconexão se diferenciam pelo tipo de função dêitica implícita de compartilhamento, que sugerem, as quais envolvem uma suposição que precisa considerar a referência que existe na mensagem em conjunto com o local no qual estão presentemente tanto emissor quanto destinatário. Na conexão, a referência e os locais nos quais os participantes estão têm a mesma consequência que tem o uso do verbo “vir”. Na desconexão, a referência e os locais têm a mesma consequência que tem o uso do verbo “ir”.

Em síntese, a imergência é uma preparação para se fechar um espaço e culmina com uma desconexão que tem consequências bem diferenciadas da desconexão.

6. CONCLUSÕES

Há uma série de consequências neste trabalho, das quais destacam-se duas. A primeira está relacionada à função dêitica expressa. Foi verificado que os indivíduos optam em grande parte por referenciar os dêiticos de forma pressuposta e quando fazem referências explícitas se baseiam mais em elementos da interface para indicarem que há um espaço virtual. A segunda, diz respeito ao tipo de atividade que os indivíduos realizam. O conteúdo das atividades realizadas pelos indivíduos, ou seja, o conteúdo das aulas, não repercute necessariamente na forma como a noção de espaço virtual é criada. Contudo, a estrutura das atividades é fundamental e o fato de o pesquisador atuar como um participante ativo é importante para que se compreenda como as expectativas de um espaço virtual são formadas.

Enfim, há uma tentativa de iniciar a compreensão de um fenômeno muito discutido – o espaço na Internet –, sem um enfoque muito geral, mas especialmente direcionado aos mecanismos cognitivos utilizados em ambientes de chat. Acredita-se que esta visão abre um novo caminho de estudo e que considera a riqueza da Internet na peculiaridade de seus recursos, bem como a importância da atividade humana na recontextualização de noções adquiridas com o uso de artefatos tecnológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1978). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1979). Os gêneros do discurso. Em Bakhtin, M., *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BLUHDOR, H. (1995). Dêixis, cognição e estrutura textual. *Cadernos de Letras*, 11, 147-152.
- ADLER, P. A. (1998). Observational Techniques. Em Denzin, N. e Lincoln, Y (eds.), *Collecting and interpreting qualitative materials*. Oaks: Sage.
- FILLMORE, C. J. (1997). *Lectures on deixis*. Stanford: CSLI.
- CRYSTAL, D. (2001). *Language and the Internet*. Cambridge. Cambridge: University Press.
- GOODWIN, C. (2000). Action and embodiment within situated human interaction. *Journal of Pragmatics*, 32, 1489-1522.
- JARVELLA, R. J. (1982). *Speech, place, and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley & Sons.

- KANT, E. (2002). *Crítica da razão pura*. São Paulo: Martin Claret.
- KATO, M. A. (1996). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1996.
- LEONTIEV, A. N. (1971). O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte.
- MARCUSCHI, L. A. (1991). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- _____ (1995). *Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos*. Texto do II Encontro nacional sobre fala e escrita realizado em Maceió, AL.
- _____ (1996). *A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva*. Texto apresentado no GT de Linguística de texto e Análise da Conversação durante o XI Encontro Nacional da ANPOLL em João Pessoa, PB.
- MARKOVA, I. (1990). A three-step process as a unit of analysis in dialogue. Em I. Markova & K. Foppa (eds.), *The dynamis of dialogue*. New York: Springer-Verlag.
- MIGUEL & ZAMBONI. (1996). *Representações do espaço: multidisciplinaridade na educação*. Campinas: Autores Associados.
- MONDADA, L. (1994). *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours*. Tese de doutorado, Université de Lausanne, Lausanne.
- OLSON, D. R. (1995). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática.
- POMERANTZ, A. (1997). Conversation Analysis: an approach to the study of social action as sense making practices. Em van Dijk, Teun A.(org.), *Discourse as social interaction*. Oaks: Sage.
- SEARLE, J. R. (1992). *(On) Searle on conversation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- SETZER, V. W., KON, F. (1996). *Introdução à rede Internet e seu uso*. São Paulo: Edgard Blucher Ltda.
- SOBRAL, A. (1999). *Internet na escola, o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola.
- TAJRA, S. F. (1998) *Informática na Educação: professor na Atualidade*. São Paulo: Érica.
- WERTSCH, J. (1991). *Voices of the mind: a sociocultural approach to mediated action*. Cambridge: Harvard University.